

RELAÇÃO E EMOÇÃO NA EDUCAÇÃO À DISTÂNCIA - o afeto possível -

Ana Lygia Vieira Schil da Veiga¹

RESUMO: Este artigo discute a possibilidade da existência de relações de afeto na Educação à Distância. Pretende demonstrar, através de revisão bibliográfica, que só é possível estabelecer uma relação de ensino-aprendizagem por meio da dimensão afetiva. Concentra seu foco na educação de adultos mediada pela rede mundial de computadores, tendo como veículo o texto. Fundamenta-se em Vygotsky, Piaget e Wallon para refletir sobre a importância da emoção na relação professor-aluno. Pergunta se as relações veiculadas através da *internet* podem ser verdadeiras. Busca respostas em exemplos citados por Palloff e Pratt e na visão de Levy sobre o impacto tecnológico na cultura e na sociedade. Conclui pela possibilidade de afeto em qualquer nível do relacionamento humano e propõe o aprofundamento das investigações sobre o tema.

Palavras-chave: educação à distância, afeto, aprendizagem, tecnologia, internet.

ABSTRACT: This article discusses the possibility of the existence of affection relationships in the e-learning. It intends to show, through bibliographic revision, that it's only possible to establish a teaching-learning relationship through the affection dimension. It focuses on the adults education through the computer's network. It bases on Vygotsky, Piaget and Wallon to reflect about the importance of emotion in the teacher-student relationship. It asks if the relationships transmitted over the Internet can be real. It seeks answers in examples mentioned in Palloff and Pratt and in Levy's view about the technological impact in culture and society. It concludes for the possibility of affection in any level of the human's relationship and proposes the deepening on the investigation about the subject.

Key words: e-learning, affection, the learning process, technology, internet.

¹ Professora de IPC (Introdução ao Pensamento Científico). Psicopedagoga Institucional e Clínica, com ênfase em Arte-terapia e Pedagogia Waldorf. Especialista em Docência do Ensino Superior do Unis-MG, com extensão em Ambientes Virtuais de Aprendizagem - Novas Ferramentas para a Educação à Distância. Mestranda em Linguística, Cultura e Discurso. E-mail: ninaveiga@ninaveiga.com.br

1 INTRODUÇÃO

Ao afirmar que só é possível estabelecer uma relação de ensino-aprendizagem por meio da dimensão afetiva, estamos situando este artigo no âmbito das relações humanas. Quando enfocamos a educação à distância como campo de estudo para nossas reflexões, continuamos no mesmo domínio, pois compreendemos que esse tipo de educação pertence à esfera das relações humanas de ensino-aprendizagem. Não se pode falar de emoção e afetividade na educação sem considerar o ser humano ensinante-aprendente como agente ativo deste processo. Não podemos falar em tecnologia da informação como mediadora da educação sem lembrar do sujeito que opera a máquina, que elabora o *software*, o *hardware* e a proposta metodológica. Este artigo procura averiguar se, em algum nível dessas relações, permeia o afeto. Afeto esse entendido como vínculo positivo ou negativo do sujeito com objetos, pessoas e situações (VISCA, 1991). Assim, por se tratar de realidade social, buscamos a possibilidade de agregar o paradigma de investigação construtivista, baseado no conhecimento que nos ajuda a manter a vida cultural, a comunicação e os significados simbólicos. Deste modo, respaldados pela dimensão qualitativa, partimos da investigação bibliográfica e tratamos de interpretar os conceitos encontrados do ponto de vista do observador, sem buscar verdades últimas e sim processos. O trabalho é aberto a exemplos, à análise e à interpretação, na tentativa de responder se a qualidade tele-tecno-midiática (FERNANDEZ, 2001) da educação à distância possibilita o desenvolvimento e a veiculação de emoções e sentimentos, via rede mundial de computadores, estabelecendo entre os atores envolvidos a possibilidade de constituir relações afetivas.

2 A MODALIDADE DE ENSINO À DISTÂNCIA *ON-LINE*

Na modalidade de ensino à distância mediada pela *internet*, há um significado diferente dos tradicionais nos papéis de professor e aluno. A sala de aula e o processo de ensino-aprendizagem também devem ser entendidos de forma diferenciada daquela do ensino presencial. O professor, quase sempre denominado tutor, é um facilitador, um mediador da aprendizagem dos alunos. Sua função é abrir o diálogo, instrumento fundamental para a educação à distância. Ao aluno cabe a condução de sua aprendizagem, determinar as diretrizes do processo educativo, tornando-se sujeito do próprio conhecimento. A dimensão temporal-espacial, como é vivenciada na sala de aula presencial, se altera. Na educação *on-line*, professor e aluno não precisam mais estar ao mesmo tempo no mesmo lugar. Relações

síncronas e assíncronas se estabelecem, fazendo do diálogo, mediado pelo texto, o veículo das relações. O processo de aprendizagem é o interacionista, baseado na promoção do relacionamento intra e interpessoal. Não há comunicação unidirecional. O conhecimento deixa de ser divulgado do especialista para o aluno. Os significados passam a ser construídos conjuntamente. É um processo de aprendizagem gerador de autonomia. Este conjunto de ressignificações faz da educação à distância, mediada pela rede mundial de computadores, promotora de uma mudança paradigmática, não apenas no currículo, mas na pedagogia. O ensino deixa de ser centrado na transmissão e na recepção de informações, passando a enfatizar o diálogo e a interação efetiva e afetiva entre os envolvidos no processo.

3 O IMPACTO DA TECNOLOGIA

Em seu livro *Cibercultura*, Levy (1999, § 4) questiona o mito do impacto da tecnologia. Segundo ele, as técnicas não vieram do espaço, de outro planeta, de um mundo estranho, sem emoção ou significação de valor humano. A tecnologia vem do homem. O mesmo homem que embala seus filhos compõe música, ara a terra e constrói computadores e redes de informação.

É impossível separar o humano de seu ambiente material, assim como dos signos e das imagens por meio dos quais ele atribui sentido à vida e ao mundo. Da mesma forma não podemos separar o mundo – e menos ainda sua parte artificial – das idéias por meio das quais os objetos técnicos são concebidos e utilizados, nem dos humanos que os inventam, produzem e utilizam. Acrescentamos, enfim que as imagens, as palavras, as construções de linguagem entranham-se nas almas humanas, fornecem meios e razões de viver aos homens e suas instituições, são recicladas por grupos organizados e instrumentalizados, como também por circuitos de comunicação e memórias artificiais. [...] As verdadeiras relações, portanto, não são criadas entre “a” tecnologia (que seria da ordem da causa) e “a” cultura (que sofreria os efeitos), mas sim entre um grande número de atores humanos que inventam, produzem, utilizam e interpretam de diferentes formas as técnicas.

Não existe, como podemos deduzir pelo que foi exposto, nenhuma conduta humana, por mais intelectual e tecnológica que seja, que não comporte fatores afetivos. Por outro lado, não poderia haver estados afetivos sem a intervenção de percepções ou compreensão, que constituem a sua estrutura cognitiva (VISCA, 1999, p.63). O ser humano permeia com a emoção todas as suas ações, inclusive no âmbito do conhecimento científico e tecnológico. Não há relação possível, seja ela entre o homem e a máquina, o homem e a natureza, o homem e o texto, ou entre o homem e o homem que não seja relação afetiva.

A metáfora do impacto da tecnologia se mostra ainda mais inadequada na comunicação eletrônica. Nela, a noção de contato virtual como algo contrário ao contato humano “[...] determina um dualismo artificial. Pelo fato de as pessoas comunicarem-se, a comunicação virtual, mesmo que sob a forma textual, não deixa de ser humana [...]” (PALLOFF; PRATT, 2002, p.61). A relação da pessoa com a máquina se personifica. O homem é capaz de permear com sua emoção qualquer objeto. Na educação on-line mediada pelo texto, o professor “[...] deve estar sempre ciente de que as pessoas estão conectando-se a ele por meio de um computador e de que esses participantes desenvolvem um relacionamento não só entre si, mas também com a própria tecnologia. [...]” (*Id.*, 2002, p. 88). A superação do mito do impacto tecnológico pode levar o homem a compreender melhor suas relações, sua maneira de aprender e se desenvolver por intermédio da tecnologia da informação.

4 A DIMENSÃO AFETIVA DA EDUCAÇÃO

Dantas (1992, p. 76) menciona a constatação de Vygotsky sobre a necessidade de se considerar a unidade entre os aspectos intelectuais, os volitivos e afetivos, como contraponto à tendência da psicologia tradicional de separar esses processos. Coloca ainda que o pensamento, segundo Vygotsky, tem sua origem na esfera da motivação, da qual fazem parte as inclinações, necessidades, interesses, impulsos, o afeto e a emoção. Conclui, dizendo que, para Vygotsky, na esfera da motivação se encontra a razão última do pensamento. Sendo assim, só seria possível uma compreensão completa do pensamento humano se compreendida em sua base afetivo-volitiva.

Na psicogenética de Henri Wallon, a dimensão afetiva ocupa lugar central, tanto do ponto de vista da construção da pessoa quanto do conhecimento.

A afetividade, nesta perspectiva, não é apenas uma das dimensões da pessoa: ela é também uma fase do desenvolvimento, a mais arcaica. O ser humano foi, logo que saiu da vida puramente orgânica, um ser afetivo. Da afetividade diferenciou-se, lentamente, a vida racional. Portanto, no início da vida, afetividade e inteligência estão sincreticamente misturadas, com o predomínio da primeira (TAILLE, 1992, p. 90).

Ao revisitar as idéias de Piaget sobre a psicologia do desenvolvimento cognitivo, percebemos com forte certeza que as emoções permeiam a passagem de um estágio para outro. Embora a ênfase de Piaget esteja mais nos conceitos cognitivos do que nos afetivos, é possível perceber a importância dada por ele ao afeto. Quando fala que entre assimilação e acomodação há uma chave, o desequilíbrio, resultado da incongruência entre os esquemas do

pensamento e os da experiência, aponta claramente que a tomada de decisões para a promoção do desenvolvimento só se configura em função do afeto e das emoções.

Deste modo, parece que se evidencia a dimensão afetiva da educação. Não apenas na educação presencial, mas, e muito provavelmente, na educação *on-line* mediada pelo texto. Pois, ao tomar conhecimento dos signos e dos símbolos, o homem descobre o sentido de todas as coisas, o que é possível quando o psiquismo humano emerge da vida orgânica para a vida afetiva e intelectual. O conhecimento, por meio da força expressiva da linguagem transforma o homem natural em homem pessoal e social, não apenas através da racionalidade e da consciência, mas principalmente da emoção.

5 O AFETO POSSÍVEL

Palloff e Pratt (2002) apresentam em seu livro *Construindo Comunidades de Aprendizagem no Ciberespaço* diversos depoimentos de seus alunos nos cursos *on-line* em que foram tutores, onde podemos observar a construção de relações afetivas. Nestes exemplos, encontramos sentimentos de surpresa diante da possibilidade de manter relações profundas, não apenas entre os participantes, entre estes e seus tutores, mas entre todos e o conteúdo estudado. A grande maioria se refere à sensação positiva de ver-se reconhecido e “ouvido”. Há manifestações, pouco vistas no ensino presencial, de interesse genuíno pelo outro, tanto em nível das idéias quanto da vida pessoal. A seguir, compilamos alguns desses exemplos² na tentativa de demonstrar a qualidade emotiva das relações constituídas durante cursos *on-line*:

[...] É fascinante estar neste programa... ir de um lado para outro, tentar encontrar coisas pelas quais me interesso e observar todos os alunos trabalhando. *Estou contente com o diálogo* da turma e agradeço a todos por participarem. Tonia (PALLOFF; PRATT, 2002, p. 32, grifo nosso).

Nunca tinha visto algo ir tão bem como isso aqui. Fins, começos, interrupções, novos amores que florescem, tristezas, dores nas costas e tudo o mais! Eu me senti tão tocada pelas suas mensagens, e de maneiras tão diferentes, que confesso me sentir sem condições de responder apropriadamente a todas elas sem parecer pouco sincera – ou ter personalidade múltipla. *Cada resposta pede uma orientação emocional diferente*. Mel (Id. 2002, p. 48, grifo nosso).

² Todos os erros gramaticais presentes nos depoimentos originais serão mantidos. Os autores não mudaram a escrita, pois não corrigem “[...] a ortografia ou a gramática de uma mensagem, já que equivale à fala na sala de aula [...] Essa mudança de pensamento representa apenas uma das inúmeras mudanças que os professores precisam fazer” (PALLOFF; PRATT, 2002, p. 21).

Como adoro livros, esse seminário é, de certa forma, como ler meu romance favorito. A cada dia pego o livro... e acompanho as personagens ao longo da história. Assim como me envolvo *emocionalmente com as pessoas e as idéias de um bom romance, fui envolvida por esse seminário*. Claudia (Id. 2002, p. 48, grifo nosso).

À medida que continuei a elaborar minha idéia, vi-me dirigindo meus comentários, aquilo que discutia e minha atenção à Marie. Não era que ela, acima dos outros, entendesse melhor minha idéia. O fato é que me sentia confiante de que *ela realmente ME entendia*, baseando-se em nossa conexão on-line anterior. Isso me deixou à vontade e me deu confiança para prosseguir (Id. 2002, p. 49, grifo nosso).

Parece que nós, como alunos, estamos com mais vontade de falar e de discutir as questões do que estaríamos em uma sala de aula comum. Sinto que isso é assim por duas razões. Uma é a de que temos tempo para nos concentrar na questão e pensar, enquanto na sala de aula as perguntas pedem respostas imediatas. A segunda razão é a de que podemos discutir abertamente, sem nos preocuparmos tanto em errar. Se você enviar algo que não está certo, ninguém *diz que você está errado, mas incentiva e tenta ajudar a encontrar a resposta certa*. Brandi (Id. 2002, p. 56, grifo nosso).

Na noite em que fiquei sabendo da morte de Ari, sentei-me e fiquei olhando para o computador enquanto lágrimas corriam pelo meu rosto. Sua morte ocorreu uma semana depois de eu ter perdido um colega. Foi difícil para mim. Um sentimento de incredulidade invadiu-me como um raio. Embora eu venha a dizer mais tarde que os computadores não incorporam um espírito, eles certamente o fizeram durante esse período de luto. *Sem o 'memorial' eletrônico, eu não saberia ter lidado com a morte de Ari*. Theresa (Id. 2002, p. 67, grifo nosso).

Depois que este seminário acabar, estaremos fazendo outras coisas. Isso me entristece. Se fazer parte de uma comunidade é ter a *sensação de ter afeto e interesse pelo outro*, já conseguimos aqui fazer com que um pouco disso tudo se realizasse. É bem verdade que eu não consigo elaborar uma imagem visual de vocês, mas depois de ler algumas mensagens tenho a sensação de que a personalidade e o espírito de cada um estão presentes. Claudia (Id. 2002, p. 68, grifo nosso).

Estou encantada por este livro. É um livro aberto, sem preconceito, interessante, que instiga à reflexão. Não se pode avaliar o *quanto este livro é importante para mim* como estudante. O alcance da discussão é muito amplo e de fácil leitura [...] Geralmente não vejo problemas em aproveitar o melhor que cada livro oferece, mas neste caso agradeço a Rena [tutora do curso] por ter apresentado um livro tão substancial e prazeroso[...] Tonia (Id. 2002, p. 153, grifo nosso).

Os exemplos acima foram retirados de correspondências trocadas através de comunicação assíncrona. Este tipo de comunicação, muito utilizada na educação on-line, é a que melhor se presta como veículo para a afetividade. É a comunicação predominante em *e-mails*, fóruns e comentários publicados em *sites*. Ela ocorre sem que haja necessidade de que os comunicantes estejam no mesmo espaço-tempo.

Como podemos observar nos depoimentos apresentados, o envolvimento do aluno na sala de aula virtual se dá por completo. Ele interage afetivamente, não apenas com seus colegas, mas também com seus professores e, surpreendentemente, com o conteúdo que está sendo abordado. Além disso, o aluno pode perceber-se no processo, conhecendo-se-conhecedor, tomando de empréstimo uma expressão de Alícia Fernandez (2001). Deste modo,

passa a ter a possibilidade, através da auto-observação e auto-reflexão, de interagir afetivamente com sua própria aprendizagem. Isso se dá pela possibilidade de repensar, refazer, de se aceitar errando “[...] vocês não acham que é difícil para todo mundo aceitar divergências nas aulas presenciais? [...] O *ciberespaço* permite que você se vire em paz. É possível repensar tudo sem que haja pessoas questionando... [...]” (PALLOFF; PRATT, 2002, p. 153, grifo nosso).

Neste próximo e último exemplo que selecionamos, percebe-se a capacidade do aluno de se tornar agente ativo na sua própria aprendizagem, de seu tornar autor. Na medida em que vai auto-refletindo, conquista a possibilidade de se conectar aos outros. Pode observar-se no grupo, desenvolvendo ligações verdadeiras e transformadoras e, acima de tudo, fazendo surgir a criatividade.

OK, vou me meter neste conflito. Parece-me que, se tivéssemos de voltar à sala de aula tradicional, entraríamos em alguma espécie de conflito, que poderia ser do tipo que ajuda ou melhora o grupo. Viramos uma empresa. Temos tomado decisões de um jeito que muitas coisas boas surgem desse negócio. *Temos idéias que de fato nos auxiliam a entender um pouco melhor os assuntos de que falamos* e que também ajudam a dar uma sacudida em nossos pensamentos a fim de que vão um pouco mais longe. Tornamo-nos tão dependentes da capacidade de fazer isso em nosso ritmo e velocidade de raciocínio que já começamos a pensar criativamente. Tenho a impressão de que a abertura e a facilidade de digitar terão maior peso do que a tensão dos encontros presenciais. Todos nós temos calma e pensamos bem sobre cada mensagem antes de enviá-la. Mason (*Id.* 2002, p. 169, grifo nosso).

Com os exemplos apresentados neste capítulo, procuramos responder a questão da possibilidade de se constituir relações verdadeiras na educação à distância mediada pelo computador, tendo como veículo o texto. Parece possível responder positivamente a questão formulada. No que foi visto, podemos inferir que os atores envolvidos nos exemplos citados estavam aparentemente sendo sinceros e abertos. O sentimento de pertencimento, as trocas de idéias através do diálogo, a possibilidade de reflexão, refazimento e transformação são elementos essenciais na construção de relações de afeto. Percebe-se o investimento humano nas relações da educação à distância como possibilidade para a criação de fundamentos emocionais na aprendizagem, permitindo o aprofundamento, não apenas no ensino-aprendizagem, mas no conhecimento de si mesmo e do outro.

6 CONCLUSÃO

Pelo que foi apresentado, em especial por meio dos depoimentos compilados de Palloff e Pratt, fica evidente que estamos diante de uma modalidade de educação que permite a troca de sentimentos, o investimento nas relações humanas e a interação como paradigma educacional. A educação à distância, mediada pela *internet*, tendo como veículo o texto, pode ter, sim, um ambiente afetivo que estimula a relação e a emoção. Se, como foi dito, a afetividade não pode ser separada da atuação cognitiva, parece-nos clara a possibilidade de aprendizagem efetiva via computador. Os atores observados, quando em salas presenciais convencionais, diferem em seu comportamento, tornando-se menos abertos a críticas e à demonstração de sentimentos. O ambiente virtual parece favorecer que couraças sejam quebradas, que o ouvir atento se estabeleça e que o interesse genuíno pelo outro se concretize. O porquê desses fenômenos pode ainda ser mais bem estudado. É o que propomos neste artigo: a derrubada do mito de que a tecnologia é uma entidade separada do homem, nociva à vida, à cultura e à sociedade, permitindo assim, a abertura de mais caminhos para a investigação das relações humanas positivas mediadas pela tecnologia da informação. O futuro da educação provavelmente aproximará ainda mais o homem da máquina. Fazer dessa aproximação uma interação afetiva e humana é a única via a ser percorrida pelo educador. Do contrário, a exemplo do que acontece atualmente na maioria das salas de aulas presenciais, onde as relações humanas são preteridas, a aprendizagem correrá o risco de não ocorrer.

REFERÊNCIAS

- FERNÁNDEZ, Alicia. *Os idiomas do aprendente: análise das modalidades ensinantes com famílias, escolas e meios de comunicação*. Porto Alegre: Artmed Editora, 2001. 223 p.
- LA TAILLE, Yves de; OLIVEIRA, Marta Kohl de; DANTAS, Heloysa. *Piaget, Vygotsky, Wallon: teorias psicogenéticas em discussão*. São Paulo: Summus, 1992. 117 p.
- LÉVY, Pierre. *Ciberespaço*. Ed.34. São Paulo, 1999. Disponível em: www.empresa.portoweb.com.br/pierrelevy/educaecyber.html> Acesso em: 22 jul. 2005.
- PALLOFF, Rena M.; PRATT, Keith. *Construindo comunidades de aprendizagem no ciberespaço: estratégias eficientes para salas de aula on-line*. Porto Alegre: Artmed Editora, 2002. 248 p.
- VISCA, Jorge. *Psicopedagogia: novas contribuições*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1991. 121 p.